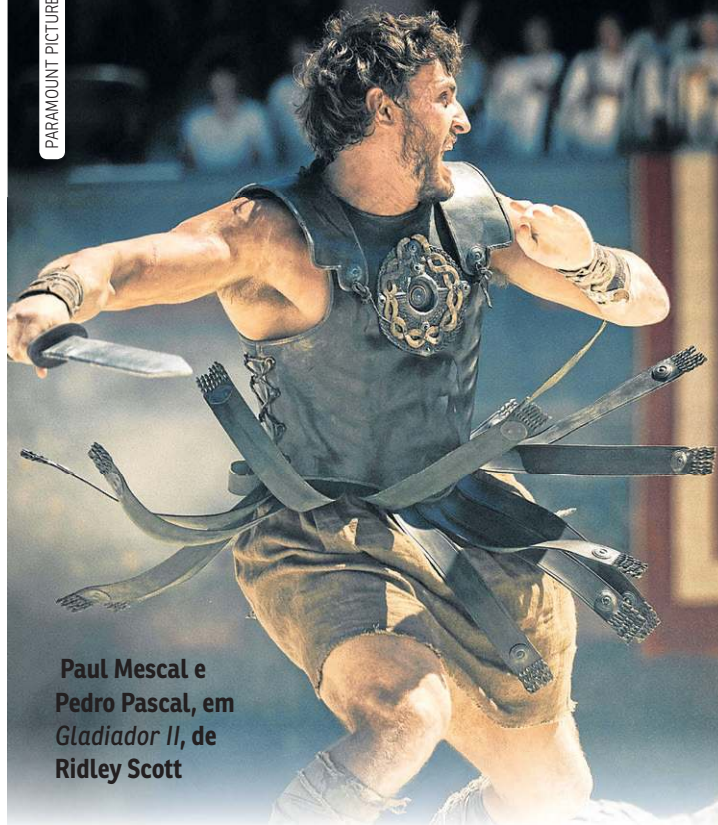


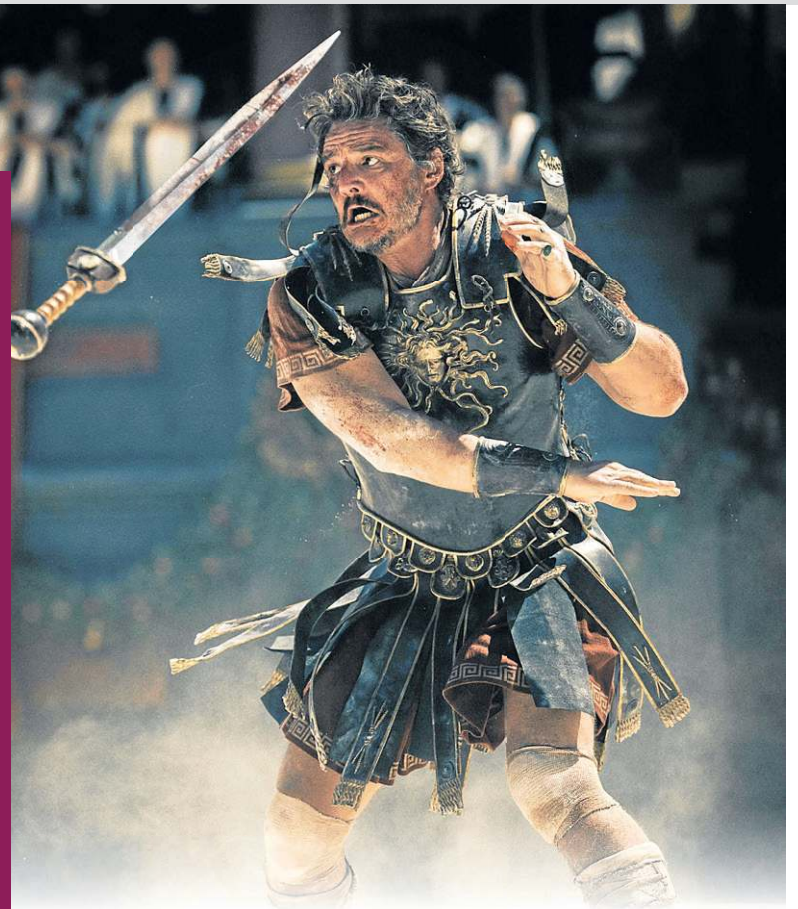
Crítica // *Gladiador* ★★★★★

PARAMOUNT PICTURES



Paul Mescal e Pedro Pascal, em *Gladiador II*, de Ridley Scott

de titãs



Ricardo Daehn

Retomar o fio da meada, 24 anos depois, de um longa vencedor tanto de Oscar de melhor filme quanto de melhor ator (Russell Crowe) não é das tarefas mais simples. Mas lá está o veterano diretor Ridley Scott para assegurar toda a qualidade, com a experiência de títulos revolucionários como *Alien* e *Blade Runner*.

Uma animação na abertura recapitula a formação da “Roma dos sonhos” defendida pelo personagem de Crowe, o gladiador Maximus Decimus Meridius. As semelhanças de destino unem Maximus (morto na trama) ao personagem central de *Gladiador II: Lucius* (o como alguns preferem, Hanno), papel de Paul Mescal.

Por duas horas e meia, o espectador estará imerso

numa história de espadas, tributos a heróis e muita quebradeira, em que um dos imperadores define que “o povo pode comer (no lugar de alimentos) guerra”. Toda a trama é disparada pela chegada em Numídia de um general romano chamado Marcus Acacius (Pedro Pascal), que se diz “soldado”, mas nunca orador ou político.

Virtude e honra pairam como valores supremos no enredo, no qual Hanno será colocado à prova, na escala de evolução que prevê a subida de escravo a gladiador, e, no patamar máximo, homem livre. Poder e manipulação de bastidores de um império (em Roma), comandado pelos insanos gêmeos Caracalla e Geta, fazem a festa.

As imagens do cinema de Ridley Scott são impiedosas. Isso ao ponto de Macrinus (um volúvel

Fúria

Quase 25 anos depois do extremo sucesso de *Gladiador*, Ridley Scott aposta em outra aventura repleta de lutas e emoção, num filme estrelado por Paul Mescal e Pedro Pascal

personagem de Denzel Washington) sentenciar: “A violência é a língua universal”. Decapitações e mutilações não surpreendem. A jornada de Hanno, o “solitário do deserto”, hábil em abraçar culturas diferentes, é extremamente acidentada. Com certa autonomia, ele se vê comprado por Macrinus e, num crescente, conquista, sob força e carisma, legião de admiradores nos toscos jogos disputados no Coliseu.

A determinação do protagonista é tamanha que, na arena sangrenta, ele é capaz de morder feras descontroladas, como é o caso de um raivoso macaco com ares de cachorro. Numa das cenas mais impressionantes, alguém grita “guerra naval” para o cenário de um Coliseu adulterado e que remete à batalha de Salamina (entre

gregos e persas), e no qual até tubarões trucidam. As sequências de luta corpo a corpo são absolutamente empolgantes.

O volume de extras, particularmente, nas imagens do exército pretoriano, traz uma magnitude absoluta para muitos dos momentos de *Gladiador II*. Alguns diálogos são extremamente risíveis no roteiro de David Scarpa (parceiro de Scott em filmes como *Todo o dinheiro do mundo* e *Napoleão*). Piegas é ouvir “Estarei sempre, minha esposa”; enquanto ouvir a ordem “Pack”, algo como “arrume as malas”, é absolutamente fora de contexto. No desenvolvimento, o filme ao menos consagra citações do poeta Virgílio (da epopeia *Eneida*). Agitado e com boas doses de emoção, *Gladiador II* compensa.